

humanitas

**Vol. LXVII
2015**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

durante las últimas décadas por John Marincola, el gran ausente del libro. Para expresarlo brevemente, en Heródoto y Plutarco no sólo hay discrepancia en los puntos de vista respecto al pasado o la tradición sino en la forma de entender la historia, conclusión que se puede extraer en los anteriores nueve puntos que definen al buen historiador. Esta notable diferencia de métodos también ayuda a entender la naturaleza del *Her.Mal.* y, aunque encontramos trazos de este tema a lo largo de la obra, pienso que hubiera sido adecuado concretarlo en un capítulo.

El anterior es sólo un pequeño detalle basado en una opinión personal porque la realidad es que la introducción al *Her.Mal.* me parece excelente. Mi comprensión del portugués me impide valorar el texto, sería una grosería, pero destaco el notable aparato crítico con el que lo acompaña. Las abundantes notas ayudan a contextualizar históricamente el contenido del texto y aportan datos valiosos, lo cual es buena prueba del excepcional trabajo de la profesora Silva. Toda la obra se completa con buenos índices (onomástico y toponímico) y un útil listado de *Moralia* según la edición de Stephanus 1572.

No quisiera finalizar esta recensión sin recomendar la lectura de esta completa obra que ofrece un interesante y honesto punto de visto (nada malévolos) sobre la recepción de la obra de Heródoto en tiempos de la Grecia romana.

CÉSAR SIERRA MARTÍN

Universitat Autònoma de Barcelona

cesar.sierra@e-campus.uab.cat

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_35

SOUSA, R., Fialho, M. C., Haggag, M., Rodrigues, N. S. (coords.), (2013), *Alexandria ad Aegyptum. The Legacy of Multiculturalism in Antiquity*, Porto, 396 pp., ISBN 978-972-36-1336-0 (Edições Afrontamento), ISBN 978-989-8351-25-8(CITCEM), ISBN 978-989-721-53-2

Este volume temático, dedicado à multifacetada Alexandria e ao extraordinário papel que desempenhou como centro de convergência, de sínteses e de difusão inspiradora de cultura, nasce de uma reunião científica internacional destinada a assinalar os dez anos da fundação da nova Biblioteca de Alexandria. Assim, para além do trabalho de colaboração editorial das Edições Afrontamento, do CITCEM e do CECH, o volume conta com a

presença, em primeira linha, da Universidade de Alexandria, representada na equipa editorial por Mona Haggag, e da nova Biblioteca de Alexandria, pelo prefácio do seu Diretor, Ismail Seralgedin. A interdisciplinaridade que este estudo requer, para além do seu âmbito plurinacional é igualmente visível na equipa editorial, que conta também com a participação do especialista em História Antiga (Próximo Oriente e Greco-romana), Nuno Simões Rodrigues, da Universidade de Lisboa. A equipa optou por uma edição em língua inglesa, para melhor servir a difusão nos vários países implicados.

O livro apresenta-se organizado em quatro partes: I-“Alexandria, a City of Many Faces”; II-“The Multicultural Experience in Alexandrian Arts and Society”; III-“Muses, Books and Scholars”; IV-“Tradition in Transition”. Estas são antecedidas de dois prefácios breves, de G. Cornelli e de I. Seralgedin, e de uma nota introdutória dos editores, e seguidas de uma conclusão e de um epílogo da autoria, respetivamente, de M. H. da Rocha Pereira e de S. F. Wastawy.

A parte I abre com os antecedentes da fundação através de um estudo de M. F. Sousa e Silva, “On the Trail of Alexandria’s Founding”, em que a autora recua no tempo, até às descrições e aos profusos testemunhos sobre aquele espaço privilegiado, pelo punho de Heródoto e dos poetas, e recorre, para reforçar a verificação de que aquele espaço era já familiar aos Gregos antes da fundação da cidade, a Diodoro Sículo, entre outros. O rei fundador da dinastia dos Ptolomeus, de sangue grego, dará à cidade um cunho cultural helénico que se associará ao das culturas aí convergentes, formando esse espaço privilegiadamente multicultural. As bases estão lançadas para a compreensão prévia de Alexandria.

Na mesma linha sequencial se situa J. Candeias Sales, “The Ptolemies: an Unloved and Unknown Dynasty. Contributions to a Different Perspective and Approach”. Percorrendo a dinastia dos quinze Ptolomeus, o autor desvenda o lado esquecido desta linhagem e mostra como, apesar das contradições (que começam pela imagem de poder faraónica de uma estirpe geneticamente não pertencente àquele solo), dos atos de violência extrema, das arbitrariedades, os seus reinados corresponderam, paradoxalmente, a um período de intensa atividade cultural e prosperidade de Alexandria. M. C. Castro-Maia Pimentel, “Representations of Alexandria in Classical Latin Literature”, dedica o seu estudo a um aspeto muito apreciado nos estudos contemporâneos: o da imagiologia. Naturalmente que Alexandria, pela sua situação, riqueza cultural e monumental, pela sua fama, estimulou a imaginação dos Romanos, os mediadores entre a cultura grega de Alexandria

e o ocidente – o que, como demonstra a autora, deixa testemunho em vários tipos de documento e deixa testemunhos de natureza contraditória. Entre a reprovação e o fascínio, os Romanos não podiam ter deixado de ser galvanizados pela atração por uma cidade que os marcará de maneira determinante. Dessa atração contraditória o ícone mais expressivo é Cleópatra: N. Simões Rodrigues, no seu estudo “*Amimetobiou, the one of ‘the inimitable life’: Cleopatra as a metaphor for Alexandria in Plutarch*”, centra-se numa das figuras que mais estimulou a imaginação ocidental até hoje – Cleópatra, a última das descendentes dos Ptolomeus. A fonte é Plutarco, *Vida de António*. Ainda que Plutarco não seja imparcial (e o historiador N. S. R. atesta-o, recorrendo a outras fontes), o seu objetivo é conseguido com mestria: converter Cleópatra num instrumento de compreensão de Alexandria. Conforme Plutarco faz com outras figuras, assim procede com Cleópatra, convertendo-a em metáfora da sua cidade.

A Parte II (“The Multicultural Experience in Alexandrian Art and Society”) dá lugar a um estudo de M. El-Abbadi, “Alexandria’s Revolutionary Role in North-South Navigation and Trade”. O autor centra-se numa outra dimensão: a da posição ‘geo-estratégica’ de Alexandria, o que destina a cidade a um florescimento e atração especiais. A cidade situa-se num espaço que serve de nó entre o eixo norte-sul e o de oeste-leste. É porto obrigatório da ligação do Mediterrâneo ocidental e do nordeste com os portos do Mar Vermelho, do Golfo Árabe e da Índia. Esta realidade, para além de ser geradora de riqueza, facilita mobilidades também culturais. Isto leva a que a face de Alexandria não seja só grega e egípcia, mas se caracterize também por novos cânones artísticos de fusão entre ambas as culturas, ou por outros aí criados, devido ao multiculturalismo e às mobilidades que Alexandria facilita: é o que nos mostra, documentadamente, M. Haggag, “Cosmopolitan Trends in the Arts of Ptolemaic Alexandria”. A especificidade da interação greco-egípcia é seguidamente explorada, de modo igualmente fundamentado e ilustrado, por K. Savvopoulos, através do exemplo de Hipogeia: “The Polyvalent Nature of the Alexandrian Elite *Hypogea*: a Case Study in the Greco-Egyptian Cultural Interaction in the Hellenistic and Roman Periods”.

Retomando a dimensão multicultural da cidade, D. Leão, “Identity and Cosmopolitanism: the Jewish *Politeuma* of Alexandria” trata de uma importante comunidade – a judaica – sediada em Alexandria. Tendo conseguido obter o estatuto que lhes permitia viver de acordo com as suas tradições, a comunidade floresceu, helenizou-se em boa parte e contribuiu para a formação de uma ponte cultural entre a cultura judaico-helénica e

o ocidente. Lembre-se a tradução judaico-helénica do Antigo Testamento, conhecida como a tradução dos Septuaginta. Com base na discussão de Teócrito, *Id.* XV e de Herodas, *Mimo IV*, L. Nazaré Ferreira, “Festive Alexandria – Mobility, Leisure and Art in the Hellenistic Age” explora a relação entre religião, arte e o desenvolvimento do gosto pela viagem de lazer, na perspetiva das primeiras manifestações de turismo na Antiguidade.

A Parte III (“Muses, Books and Scholars”) começa com um estudo de M. C. Fialho, “Apollonius of Rhodes and the Universe of the *Argonautica*”. A autora apresenta a epopeia do bibliotecário de Alexandria como um exemplo de escrita da época, que combina a sedução pelo modelo épico homérico com sensibilidade a novas realidades que entram na arte contemporânea de Apolónio – o sofrimento amoroso e as arbitrariedades de Eros, a exploração de estados de alma, a desconstrução de motivos (o concílio das deusas), o elemento mágico, o gosto pelas etiologias de mitos e ritos, o imaginário da viagem. Esta epopeia atesta uma natureza diversa da homérica, já que surge numa sociedade do livro e da leitura. A combinação dos elementos citados prenuncia a génese de um novo género: a novela. Na mesma esteira, M. Várzeas, “Callimachus and the New Paths of Myth”, faz uma incursão pelos Hinos de Calímaco e sublinha esse carácter peculiar da sua poesia: a desconstrução e a paródia de motivos tradicionais e da tradicional imagem dos deuses em Homero e em Hesíodo, a humanização da divindade, retratada por vezes com a singeleza de reações infantis, o gosto pela observação da criança, mas também o tratamento do pathos no contexto de um discurso poético cheio de erudição. Seguindo esta linha, que realça a recuperação de antigos motivos e modelos poéticos gregos, reelaborados num contexto original, particular da época e da cultura, J. Deserto, “Tradition and Identity in Lycophron” dedica o seu estudo a Licófron, centrando-se no tratamento da figura de Cassandra como um caso ilustrativo e bem expressivo desta forma de construção poética.

Toda a comunidade desenvolvida pede uma escrita de registo dos seus feitos, que lhe sirva de espelho e de memória. L. M. Araújo ocupa-se de “Manetho and the History of Egypt” e da tarefa de que o sacerdote-historiador é incumbido por Ptolomeu II. Esta “História grega do Egipto” (*Aegyptiaka*), que se perdeu, irá influenciar posteriores escritas de história das terras e culturas helenizadas e romanizadas da bacia sudeste do Mediterrâneo: a de Flávio Josefo, Júlio Africano, Eusébio de Cesareia e até Jorge Sincelo. Em última análise, preparou os primeiros passos à Egiptologia moderna. Passando da poesia e da historiografia ao contexto filosófico-retórico, M. Alexandre

Júnior, “The Alexandria of Philo in Philo of Alexandria”, delinea o contexto sócio-cultural em que se enquadra o judeu helenizado Fílon. A Sofística desenvolveu-se em Alexandria, dando sequência ao primeiro movimento, na Grécia. É julgada sob uma perspetiva crítica por Fílon, que trabalhou o pensamento platónico de maneira a ser recebido pelos Neoplatónicos. Por outro lado, a formação retórica de Fílon leva-o a escrever obras teóricas e exercícios para servirem de treino nas escolas, ao serviço da formação dos jovens. Esta sua metodologia inicia uma longa tradição que se estende ao Renascimento. Da Lógica e da Retórica, o volume avança para o domínio da Matemática, num momento preciso: o dos primeiros tempos do Museu e da compilação dos *Elementos*, pelo mestre Euclides. Tal como aconteceu com os poetas, Euclides recolhe a tradição de anteriores *Elementos*, que organiza de novo modo, acrescentando-lhe inovações no raciocínio matemático. Trata-se de uma figura e de uma obra que determinarão a Matemática por muitos séculos como evidenciam J. N. Silva e H. Pinto em “The *Elements* of Euclides: the Cornerstone of Modern Mathematics”.

A Parte IV (“Tradition in Transition”) abre com o estudo de A. Diez de Oliveira, “Zeus Kasios or the Interpretatio Graeca of Baal Saphon in Ptolemaic Egypt”: um caso típico de ‘tradução’ e leitura de modelos divinos gregos a partir de divindades orientais. Na mesma linha, abrangendo um panorama mais amplo, assente em suportes teóricos consistentes, segue-se o estudo do egiptólogo R. Sousa, “‘Lost in translation’: the Hellenization of the Egyptian Tradition”, onde o Serapeion de Alexandria é apresentado como uma síntese multicultural em que o elemento egípcio e o grego são caldeados com outras culturas convergentes. A isso correspondia a comunidade de escolares que o frequentavam bem como a actividade intelectual e religiosa aí desenvolvida.

A. Davydova aflora a natureza do deus Sarápis, em “Was Sarapis of Alexandria a Multicultural God?”. A resposta é análoga: a divindade ‘unificadora’ de Gregos e Egípcios apresentava traços mistos. Não é provável, segundo a autora, que o perfil do deus tivesse sido mais trabalhado por Egípcios, divididos em grupos étnicos, que por Gregos. Tratar-se-ia de um deus dirigido à população já mesclada por casamentos ou aculturada ao helenismo.

O universo religioso de Alexandria e o seu substrato egípcio tendem a ganhar eco em Roma. Uma das divindades mais acolhidas culturalmente em Roma (com eco na literatura) é Ísis, a deusa capaz de despertar Osíris para uma nova vida, criadora, protetora de faraós, mãe de Horus e a deusa

portadora de nomes diversos, porque possuidora de atributos variados. Esta poderosa deusa, ligada a cultos exotéricos e místéricos, ponte entre a vida mortal e a imortalidade, exerce particular fascínio sobre os Romanos, a partir do momento (séc. II a. C.) em que estes tomam contacto com a cultura egípcia. Isto nos mostra C. Teixeira, no seu estudo “The Cult of Isis in Rome. Some Aspects of its Reception and the Testimony of Apuleius’ *Asinus Aureus*”.

Telmo Ferreira Canhão, “A Timeless Legacy: the Calendars of Ancient Egypt”, apresenta um estudo, profusamente documentado, do avanço dos conhecimentos de astronomia no Egipto, que deu lugar a um calendário anual, de contagem de 365 dias e seis horas, que levava a intercalar um dia, de quatro em quatro anos, entre 23 e 24 de Fevereiro. Este calendário foi introduzido em Roma por Júlio César, e aquele que nos rege desde 1583, por iniciativa do Papa Gregório VIII (calendário gregoriano), tem, em boa verdade, ligeiras alterações, sendo que nos regemos ainda, basicamente, para a divisão do ano, por um calendário de inspiração egípcia.

P. Barata Dias, “Hypatia and the Idiosyncrasies of Christianity in Egypt – a Study of the Events Occurred at Easter 415 a. D. In Alexandria”, mostra detalhadamente como as fontes históricas e os testemunhos literários dão eco de que a morte de Hipácia é reflexo da violência política na Alexandria do tempo (séc. V p. C.), e fruto das tensões sócio-religiosas de uma época turbulenta.

Carlos Gamas, “The Great Advances in Mathematics in the Context of Alexandrian Culture”, dá-nos um panorama detalhado da concatenação entre a tradição de estudos sobre o número na Academia e no Liceu e a forma como essa tradição foi assumida no Museu, por Euclides, numa fase inicial, e ampliada, na sua compilação dos *Elementos*. Mas o estudo vai mais além: mostra como a Matemática, a Astronomia e a Cartografia andavam profundamente associadas, e evidência o contributo que o cálculo do Próximo Oriente deu à Matemática em Alexandria, até ao último dos seus bibliotecários, o matemático-comentador Téron.

Segue-se a parte das “Conclusões”, acima mencionada.

Este livro representa um precioso trabalho conjunto de especialistas das mais variadas proveniências, da Rússia aos Estados Unidos, do Egipto a Portugal e ao Brasil. Alexandria é aqui estudada pelas suas múltiplas abordagens, correspondentes à complexidade e à riqueza deste baluarte de cultura e difusão, que marcou a história da cultura ocidental, através de Roma. Por isso mesmo, e pelo facto de se ter optado pela língua inglesa,

o volume está vocacionado para uma ampla difusão e para ser lido, com atenção e gosto, por quem estuda culturas e literaturas antigas, mas também por quem quer aprofundar a própria história do Ocidente, nas suas raízes.

CARLA GONÇALVES

Universidade de Coimbra

csvg@fl.uc.pt

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_67_36

TREVIZAM, Matheus, *Prosa técnica. Catão, Varrão, Vitrúvio e Columela*, Belo Horizonte, Campinas, Unicamp, 2013. 93 p. ISBN 978-85-7041-955-2

Que teriam os textos representativos da “prosa técnica romana” a oferecer ao leitor moderno especializado ou não nos estudos clássicos? Esta é a questão colocada logo a abrir na badana desta obra e que implica “o duplo convite para que se (re)descubra a Antiguidade por vias, decerto, menos frequentadas, mas não desprovidas dos atrativos comuns da informatividade e da beleza expressiva” (cit.). Para responder a este desafio Matheus Trevizam, docente da Faculdade de Letras de Minas Gerais, vai fazer uma espécie de introdução geral às peculiaridades da literatura técnica romana em prosa, no capítulo I, para depois analisar, nos capítulos II a V, as características e os temas dos autores escolhidos.

Com efeito, dentro primeiro capítulo, intitulado “Inícios: especificidades da antiga literatura técnica em prosa”, o autor parte, nas questões introdutórias, das funções da linguagem de Jakobson, para demonstrar que na literatura técnica antiga a expressão não se distinguia da escrita literária (pp. 15-30). Depois de breve discussão sobre os géneros em que se podem inserir tais textos (30-39), o autor debruça-se (39-53) sobre o papel dos escritos agrários para a constituição de um *corpus* de textos técnicos romanos. Procura por isso situar no seu contexto cultural o *De agri cultura* de Catão o Censor, o *De re rustica* de Varrão e o mesmo título de Columela. Destaca neste contexto os contributos para a erudição romana da vasta obra de Varrão, de Plínio o Velho e não deixa de referir o trabalho de Paládio, já no século IV.

A partir daqui Trevizam vai percorrer individualmente os autores referidos. O capítulo II, “O *De agri cultura* catoniano e a abertura da tradição dos escritos agrários em Roma antiga” centra-se, como o título